



Ubuntu: um resgate das culturas africanas nas aulas de Educação Física no Ensino Fundamental

Ubuntu: recovering african cultures in Elementary School Physical Education classes

Pedro Italo Uchôa de Melo¹

João Paulo de Oliveira Rangel²

Daniel Pinto Gomes³

Arliene Stephanie Menezes Pereira Pinto⁴

Resumo: Desse modo, objetivamos evidenciar como a Lei nº 11.645/08, que trata do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena, está sendo abordada e desenvolvida nas aulas do componente curricular de Educação Física em uma escola pública localizada na cidade de Fortaleza-CE com os alunos do 4º ano do Ensino Fundamental. Para isso, explanou-se um relato de experiência em que foram descritas duas aulas a partir da Unidade temática Danças da Base Nacional Comum Curricular, partindo das culturas dos povos africanos, com a primeira aula foi sobre o Maculelê e a segunda sobre o Kuduro. Os resultados revelam que a Educação Física pode desempenhar um papel significativo na sensibilização para a diversidade étnico-racial e estimula o debate e a reflexão sobre a história e a cultura do continente africano. Conclui-se que o trabalho com Danças dentro desse contexto na Educação Física pode ser enriquecedor e transformador, possibilitando o resgate da diversidade étnico-racial e o desenvolvimento de uma consciência social e histórica mais ampla.

Palavras-chave: Relações étnico-raciais. Educação Física. Danças. Lei nº 11.645/08.

Abstract: We aim to highlight how Law 11.645/08, which addresses the teaching of Afro-Brazilian and Indigenous History and Culture, is being addressed and developed in Physical Education classes at a public school in Fortaleza, Ceará, for 4th-grade elementary school students. To this end, we presented an experience report describing two classes based on the Dances thematic unit of the National Common Core Curricular, focusing on the cultures of African peoples. The first class focused on Maculelê and the second on Kuduro. The results reveal that Physical Education can play a significant role in raising awareness of ethnic-racial diversity and stimulates debate and reflection on the history and culture of the African continent. It is concluded that working with dance within this context in Physical Education can be enriching and transformative, enabling the recovery of ethnic-racial diversity and the development of a broader social and historical awareness.

Keywords: Ethnic-racial relations. Physical Education. Dance. Law 11.645/08.

1. Mestrando do Programa de Mestrado Profissional em Ensino e Formação Docente. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. E-mail: pitalo03@icloud.com. [ORCID](#)

2. Mestrando do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em rede nacional. Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza. E-mail: joaopaulorangel123@gmail.com. [ORCID](#)

3. Doutor em Educação. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará. E-mail: danielpinto@ifce.edu.br. [ORCID](#)

4. Doutora em Educação. Pós-doutoranda em Educação Física. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará. E-mail: stephanie.menezes@ifce.edu.br. [ORCID](#)

Ubuntu

Iniciamos esse tópico com a palavra Ubuntu, que segundo Bins e Molina Neto (2017):

[...] é um conceito filosófico que permeia o continente africano, a palavra significa “eu sou por que nós somos”. ‘Esse conceito tenta explicar a realidade social em que o self não existe a não ser por produto’ (Turrion, 2013, *s.p.*). Ele foca nas alianças e nos relacionamentos das pessoas umas com as outras, em uma relação de respeito, apoio, partilha, comunidade, cuidado, confiança e altruísmo. Segundo Tutu (1984), uma pessoa com ubuntu está aberta e disponível aos outros, não preocupada em julgar os outros como bons ou maus, e tem consciência de que faz parte de algo maior e que é tão diminuída quanto os seus semelhantes que são diminuídos ou humilhados, torturados ou oprimidos (Bins; Molina Neto, 2017, p. 249).

Desse modo, Ubuntu nos dá a ideia de afirmação de identidades e a ideia de alteridade. Justificamos que compreender como a cultura africana é abordada no âmbito escolar pode fornecer insights sobre como focar em uma educação antirracista. Desse modo, afirmamos que a inclusão dessa temática desde a infância é fundamental para combater estereótipos e preconceitos. Isso inclui o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas, assim como, a promoção de espaços de diálogo e reflexão sobre a temática para superar os desafios e promover uma educação antirracista e mais equitativa.

Bins e Molina Neto (2017) ainda afirmam que:

A ideia de enegrecer a educação se aproxima da visão afrocêntrica de africanizar ou reafricanizar a ciência e a educação. Asante (1990) reflete sobre a importância de se adotarem pensamentos e procedimentos oriundos dos princípios e valores africanos para orientar a produção científica e de se reconhecer os conhecimentos retirados da sabedoria africana que foram assimilados pela ciência ocidental (Bins; Molina Neto, 2017, p. 252).

Nas escolas as aulas do componente curricular de Educação Física desempenham um papel crucial na formação e na educação integral dos estudantes, abrangendo não apenas aspectos físicos, mas também socioculturais. Dentro desse contexto, as práticas corporais têm se destacado como culturalmente ricas, capazes de promover a compreensão, o respeito e a valorização das diversas identidades étnico-raciais presentes na sociedade brasileira.

O ensino das práticas corporais nas aulas de Educação Física não se limita apenas ao desenvolvimento das habilidades motoras e técnicas dos alunos, mas também serve como uma ferramenta de exploração e celebração da diversidade cultural. A inclusão dessas práticas no currículo escolar não só amplia o repertó-

rio formativo dos estudantes, mas também os sensibilizam para as questões acerca da identidade, do pertencimento e de respeito mútuo.

Com a obrigatoriedade do ensino de “História e Cultura Africana e Afro-Brasileira”, a partir da Lei nº 10.639/03 (Brasil, 2003), e do ensino de “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”, nos currículos, definido a partir da Lei nº 11.645/08 (Brasil, 2008), modificações realizadas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 1996), nos questionamos como repensar as práticas pedagógicas que estão sendo implementadas no âmbito escolar. Sobre tal aspecto decorre da necessidade dos docentes de Educação Física realizarem reflexões críticas acerca do conhecimento que é explanado no referido componente curricular. Pois este contribui para uma formação integral quando sua lógica se dá a partir de proposições práticas e diretivas, não só para a conscientização corporal, mas quando aponta para a diversidade étnico-racial (Pereira; Souza, 2020; Pereira, 2020).

Justificamos a escrita ancorados em Andrade *et al.* (2025, p. 4) que corroboram na “[...] necessidade de práticas pedagógicas que fomentem a imagem positiva das pessoas negras, bem como a valorização das culturas africanas e afrobrasileira no âmbito educativo”. Além disso, mesmo com a promulgação da Lei nº 11.645/08 ainda são enfrentados vários obstáculos em relação a sua aplicação nos currículos escolares, como:

[...] a falta de fiscalização no tocante à aplicabilidade da lei, o preconceito e a intolerância, a deficiência na aplicação pelas universidades com relação à formação de professores, a resistência de muitos docentes, os quais entendem não haver relação entre suas disciplinas e a temática étnico-racial, ou ainda, não se sentirem preparados ou obrigados a aplicar tal conteúdo (Pereira; Souza, 2021, p. 36).

Desse modo, o presente estudo tem como objetivo evidenciar como a Lei nº 11.645/08 está sendo abordada e desenvolvida nas aulas de Educação Física em uma escola da periferia de Fortaleza. Para isso, explanou-se um relato de experiência em que foram descritas algumas práticas corporais a partir das culturas dos povos africanos, realizadas com os alunos do 4º ano do Ensino Fundamental anos iniciais.

Para uma melhor compreensão, este texto foi dividido com os seguintes tópicos: *Ubuntu*, em que apresentamos a temática, a problemática, o objetivo do estudo e a justificativa; *Aspectos teórico-metodológicos*, em que explicitamos a abordagem e o método utilizados, bem como, o lócus, os sujeitos e a temporalidade da pesquisa; *A Educação Física e as relações étnico-raciais*, em que falamos das implicações entre a temática étnico-racial e o referido componente curricular; *Uma proposta de aula para pensar africanamente*, em que discorremos sobre a experiência com danças africanas nas aulas de Educação Física; e por fim, o tópico *Sankofa*, em que retomamos o objetivo e realizamos as considerações finais do estudo.

Aspectos teórico-metodológicos

Esta pesquisa é do tipo descritiva em que se utilizou da abordagem qualitativa, e na qual se explanou um relato de experiência, que segundo Gomes, Pereira e Santiago (2021) afirmam que os relatos de experiência narram episódios em contextos reais e nos dizem sobre a importância que esses podem proporcionar a compreensão do fenômeno estudado e o desenvolvimento de novas intervenções no campo.

O locus sobre o qual ocorreu a experiência descrita neste relato foi uma escola pública pertencente à rede municipal de ensino de Fortaleza-CE, localizada na periferia da cidade, a Escola Dom Helder Câmara. Para isto, relatamos práticas corporais do componente curricular de Educação Física a partir do contexto da Lei nº 11.645/08 (Brasil, 2008), dando enfoque nas culturas africanas.

Neste texto serão descritas duas aulas desenvolvidas durante o mês de maio de 2024. As ações foram direcionadas para uma turma do 4º ano do Ensino Fundamental, a partir da Unidade Temática Danças. Conforme preconiza a Base Nacional Comum Curricular-BNCC (Brasil, 2018, p. 213), as aulas devem possibilitar “[...] as práticas corporais em suas diversas formas de codificação e significação social, entendidas como manifestações das possibilidades expressivas dos sujeitos, produzidas por diversos grupos sociais no decorrer da história”. Assim, escolhemos as danças de matrizes africanas para o desenvolvimento da experiência.

A educação física e as relações étnico-raciais

Ao considerar a importância das relações étnico-raciais, é essencial reconhecer que essas práticas não são meramente performances artísticas e/ou folclóricas, mas manifestações de heranças culturais profundas que refletem histórias, tradições e experiências vividas por diferentes grupos identitários. Portanto, sua inclusão nas aulas de Educação Física não apenas enriquecem o currículo, mas também contribuem para uma construção pautada na Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER) e na implementação da Lei nº 11.645/08.

Segundo Pereira *et al.* (2019), a aplicação da lei supracitada nas aulas de Educação Física na rede municipal de Fortaleza/CE apresenta desafios significativos. Com isso, os autores afirmam que para a escola avançar nessas discussões entre saberes escolares (conhecimento formal ensinado nas disciplinas) e saberes identitários (experiências, culturas e identidades dos estudantes), é necessário que a comunidade escolar reconheça que a escola é composta por inúmeras dimensões. Tais dimensões incluem as diferentes identidades raciais e étnicas, a cultura dos discentes, a diversidade cultural, a ética (os valores morais e sociais) e a alteridade (a capacidade de reconhecer e respeitar o outro como diferente de si mesmo).

Ademais, Santiago, Maia e Pereira (2020) destacam que poucos docentes realizam a implementação dessa lei, isso por conta da falta de formação inicial e continuada.

Destarte, a Educação Física “[...] por tematizar a cultura corporal de movimento, abre espaço para que se pense em elementos dessa cultura, originários da África e sua diáspora, que possam ser problematizados em suas aulas, como forma de atender aos anseios da Lei nº 10.639/03 [...]” (Pereira *et al.*, 2019, p. 3).

Além disso, as práticas corporais que incluem as pautas étnico-raciais proporcionam reflexões críticas sobre as desigualdades históricas e contemporâneas, permitindo que os alunos questionem estereótipos e promovam um diálogo intercultural mais profundo. Nesse sentido, as aulas de Educação Física se tornam um espaço de resistência e transformação, onde as diferenças são celebradas e as relações étnico-raciais são abordadas de maneira construtiva (Pereira; Venâncio, 2021).

Em síntese, podemos afirmar que integrar as relações étnico-raciais e os conhecimentos advindos da área de Educação Física, não apenas contribui para o desenvolvimento físico e cultural dos alunos, mas também fomenta uma consciência crítica na sociedade contemporânea a qual a “a corporeidade está envolvida com a dimensão sensível do mundo vivido, envolta em toda a reflexividade e reversibilidade de sentidos” (Pereira; Gomes, 2018, p. 124).

Essa abordagem não só fortalece a educação inclusiva, mas também prepara os estudantes para serem cidadãos globalmente conscientes e socialmente responsáveis.

Desenvolvendo uma proposta de aula para pensar africanamente

A primeira aula foi iniciada por um momento de acolhimento dos alunos na sala de aula e a realização da chamada de frequência. Em seguida o Maculelê foi explanado de forma oral e caracterizado pelo professor como uma manifestação cultural afro-brasileira que combina elementos de luta e dança dramática. Uma dança popular que encena uma luta, sendo praticada em grupos que utilizam bastões de madeira ao som dos atabaques e cantos.

As raízes do Maculelê remontam a África, onde as comunidades realizam práticas de combate com bastões. Já no Brasil, essa manifestação cultural foi reinventada pelos escravizados como uma forma de honrar seus ancestrais africanos e resistir a escravidão.

Após essa exposição oral foi realizada uma vivência prática do Maculelê ao som da música *Boa noite*, a qual versa:

*Boa noite pra quem é de boa noite
Bom dia pra quem é de bom dia
A benção meu papai a benção
Maculelê é o rei da valentia
(coro repete)
Boa noite pra quem é de boa noite
Bom dia pra quem é de bom dia
A benção meu papai a benção
Maculelê é o rei da valentia*

Nessa vivência, foram utilizados movimentos com bastões, acompanhando o ritmo da música. As orientações solicitavam que os estudantes segurassem firme o bastão e em seguida tiveram que bater o bastão contra o chão cadenciadamente. Após isso, os discentes foram distribuídos em pares e tiveram de bater os bastões um contra o outro, alterando a direção dos movimentos. Primeiro da direita para a esquerda e, em seguida, no sentido contrário.

Ainda em dupla, os alunos foram organizados em círculo. A partir daí, tiveram que marcar o ritmo da música batendo bastão contra bastão, primeiro contra o colega da dupla e depois contra o aluno do par vizinho. O movimento se complexificou quando tiveram que fazer o círculo girar, marcando o ritmo com movimentos de pés. Alguns alunos apresentaram dificuldade com os movimentos, outros realizaram a atividade com bastante desenvoltura.

Após a realização dos movimentos, com os alunos sentados em círculo, foi iniciado um momento reflexivo sobre a prática. Os alunos disseram ter ficado encantados com o Maculelê, descrevendo-o como emocionante e fascinante, especialmente pela maneira como os dançarinos coordenavam os movimentos vigorosos com os bastões ao som dos atabaques.

Além disso, a combinação dos movimentos dinâmicos com a música criou uma atmosfera que capturou a atenção e o entusiasmo dos discentes. Os alunos relataram também não ter conhecimento sobre o maculelê, o que corrobora com a afirmação de Oliveira, Pereira; e Pessoa (2024), que:

Os corpos politizados pelo eurocentrismo são corpos que não reconhecem suas próprias raízes. Esquecem seus antepassados e deixam os costumes, a cultura, ainda que alguns nem sequer tenham aprendido sobre sua ancestralidade. Falar de danças de matrizes africanas é quebrar o estereótipo de corpo dócil, corpo manipulado, corpo obediente. É afirmar as tradições negras no contexto atual de sociedade e romper com os padrões estabelecidos pela sociedade (p. 3).

Interessante pontuar também o que mencionam Oliveira, Pereira e Souza (2023) sobre o despreparo vivido por alguns professores sobre o ensino das Danças

no âmbito escolar, o que consequentemente gera também a negação por parte dos discentes na participação dessa prática. Contrariamente, quando professores estão preparados para trabalhar com essa Unidade Temática o efeito gerado é justamente o contrário, com o envolvimento dos alunos.

A segunda aula também foi iniciada com um momento de acolhimento e chamada da frequência. A partir daí o professor explanou sobre o Kuduro, uma dança com ritmo próprio e nascida da mistura de música eletrônica e ritmos tradicionais angolanos.

Destacou-se que o Kuduro é dança, música e estilo de vida da juventude angolana e representa um importante movimento cultural urbano que mostra ao mundo um país contemporâneo. E que apesar dos problemas sociais, cresce e se moderniza. Além disso, foi explicitado que o estilo movimenta muito as pernas e é marcado por movimentos acrobáticos. A seguir foi realizada uma vivência da dança com os alunos.

Por fim, foi realizado um diálogo coletivo que promoveu um processo reflexivo em meio a vivência. Os estudantes descreveram o Kuduro como uma dança muito divertida e desafiadora, que exigia o acompanhamento das batidas vigorosas da música através de movimentos precisos e rápidos. Essa dança ampliou o repertório de movimentos corporais e proporcionou um mergulho na cultura africana por meio da expressão artística.

Ao longo das aulas dedicadas ao Kuduro, os alunos aprenderam sobre técnica, coordenação motora e valorização cultural. Para eles, essa vivência foi enriquecedora em termos de diversidade cultural e identidade pessoal.

Essas aulas foram articuladas a partir de estudos prévios do professor acerca do componente curricular em questão e com o objetivo de combater o racismo estrutural, promover o reconhecimento da contribuição histórica, cultural e social dos povos africanos e afrodescendentes para a formação da sociedade brasileira. Ao articular atividades relacionadas à história e cultura afro-brasileira e africana nas aulas de Educação Física, o professor não apenas atende a um requisito legal, mas também contribui para uma educação mais inclusiva, que promove uma reflexão crítica e uma maior consciência e enaltecimento sobre a diversidade étnico-cultural do país.

Assim, as aulas de Educação Física não se limitam apenas ao ensino de habilidades físicas ou esportivas, mas a partir da temática étnico-racial também incorporam uma abordagem educacional que reconhece e respeita as diferentes identidades e culturas presentes na comunidade escolar.

Sankofa

Os Adinkras são um conjunto de símbolos africanos “pertencente ao povo Ashanti, atualmente localizados principalmente nos países Gana, Burkina Faso e Togo, na África Ocidental, mas também estão presentes em outros lugares do globo, em especial por consequência dos processos das diásporas africanas” (Veloso, s/d, n.p.).

Retratadas no campo das linguagens, os Adinkras são um tipo de conhecimento e uma tecnologia ancestral africana.

Nesse sentido, são ideogramas que expressam valores tradicionais, ideias filosóficas, códigos de conduta e normas sociais. Sankofa é um ideograma africano representado por um pássaro com a cabeça voltada para trás ou também pela forma de duas voltas justapostas, espelhadas, lembrando um coração. A etimologia da palavra, em ganês, inclui os termos san (voltar, retornar), ko (ir) e fa (olhar, buscar e pegar). Representa a volta para adquirir conhecimento do passado, a sabedoria e a busca da herança cultural dos antepassados para construir um futuro melhor (Brasil, s/d, n.p.).

Desta forma, pensar a filosofia Sankofa para este tópico significou para nós retomarmos as vivências relatadas e pensadas africanamente para significar o passado e ressignificar o futuro.

A partir do objetivo em tela desse texto, qual seja, descrever um projeto que evidencie como a Lei nº 11.645/08 está sendo abordada e desenvolvida nas aulas de Educação Física em uma escola da periferia de Fortaleza, destacou-se práticas sobre as culturas dos povos africanos realizadas com os alunos do 4º ano do Ensino Fundamental anos iniciais.

O texto foi do tipo relato de experiência e narrou duas aulas de Educação Física, a primeira em que tratava do Maculelê e a segunda sobre o Kuduro. Este enfoque permitiu a exploração de como essas atividades contribuíram para a promoção de uma Educação Física escolar mais inclusiva e sensível às complexidades das relações étnico-raciais. Os resultados revelaram que as aulas de Educação Física podem desempenhar um papel significativo na sensibilização dos alunos para a diversidade cultural e étnico-racial. As vivências proporcionadas durante as atividades, estimularam o debate e a reflexão sobre a história e a cultura do continente africano. Além disso, observou-se uma maior compreensão das relações étnico-raciais que permeiam a sociedade brasileira, contribuindo para a formação de uma postura crítica por parte dos alunos.

Concluimos, portanto, que o trabalho com Danças dentro do contexto das culturas africanas na Educação Física pode ser enriquecedor e transformador, possibilitando não apenas o resgate da diversidade étnico-racial, mas também o de-

envolvimento de uma consciência social e histórica mais ampla. Tais práticas contribuem para a construção de uma escola mais inclusiva e para a promoção de uma educação pautada no respeito e na valorização das diferentes identidades culturais.

Referências

ANDRADE, A. M. de. PEREIRA, R. G.; PINTO, A. S. M. P.; SOUZA, S. T. B. de. Vozes que rompem o silêncio: uma intervenção literária a partir da obra Olhos d'Água de Conceição Evaristo. **Diálogo**, n. 57, p. 01-16, 2025. DOI: <https://doi.org/10.18316/dilogo.v1i57.12793>. Disponível em: <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Diálogo/article/view/12793>. Acesso em: 30 maio 2024.

BINS, G. N.; MOLINA NETO, V. Mojuodara: uma possibilidade de trabalho com as questões étnico-raciais na educação física. **Revista Brasileira De Ciências Do Esporte**, 39(3), 247-253. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.rbce.2017.02.009>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbce/a/HXRhDQFhTV4MTFphJySk8Ps/abstract/?lang=pt#ModalHowcite>. Acesso em: 16 ago. 2024.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 31 jul. 2024.

BRASIL. **Lei nº 11.645/08 de 10 de março de 2008**. Diário Oficial da União. Brasília, 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil03/ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm>. Acesso em: 29 jul. 2024.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Diário Oficial da União. Brasília, 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil03/leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em: 29 jul. 2024.

BRASIL. **Lei nº 9394 de 20 de dezembro de 1996**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional-LDB. Ministério da Educação. Diário Oficial da União. Brasília, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 29 jul. 2024.

BRASIL. **Sankofa na Socioeducação: enfrentando e combatendo o racismo no Sinase**. Ministérios dos Direitos Humanos e da Cultura, s/d.

GOMES, D. P.; PEREIRA, A. S. M.; SANTIAGO, J. da S. Refazendo os percursos da disciplina bases socioantropológicas da Educação Física. **Ensino em Perspectivas**, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 1-18, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/5503>. Acesso em: 12 ago. 2024.

PEREIRA, A. S. M. P. **Aninhá Vagureté: corpo e simbologia no ritual do Torém dos índios Tremembé**. 1. ed. Curitiba, PR: Appris, 2020.

PEREIRA, A. S. M.; GOMES, D. P. Educación Física en Brasil: recorrido histórico educativo de 1851 a 2017. **Lecturas: Educación Física Y Deportes**, 22(238), 94-101, 2018. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efdeportes/index.php/EFDeportes/article/view/93>. Acesso em: 23 maio 2024.

PEREIRA, A. S. M.; SOUZA, S. T. B. O discurso dos professores de Educação Física sobre sua prática pedagógica em saúde: um estudo na Rede Municipal de Fortaleza, CE. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, 25 (267), 21-34, 2020. DOI: <https://doi.org/10.46642/efd.v25i267.1737>.

PEREIRA, A. S. M.; SOUZA, S. T. B. Lutas corporais indígenas: um estudo com professores de Educação Física do município de Fortaleza – CE. **Corpoconsciência**, [S. l.], v. 25, n. 3, p. 34-48, 2021. DOI: 10.51283/rc.v25i3.12153. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/12153>. Acesso em: 1 set. 2024.

PEREIRA, A. S. M.; VENÂNCIO, L. African and Indigenous games and activities: a pilot study on their legitimacy and complexity in Brazilian physical education teaching. **Sport, education and society**, 2021, p. 718-732. DOI: <https://doi.org/10.1080/13573322.2021.1902298>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13573322.2021.1902298>. Acesso em: 25 ago. 2024.

PEREIRA, A. S. M.; GOMES, D. P. ; CARMO, K. T. do; SILVA, E. V. M. e. Aplicação das leis 10.639/03 e 11.645/08 nas aulas de educação física: diagnóstico da rede municipal de Fortaleza/CE. **Revista Brasileira de ciências do esporte**, 2019, v. 41, n. 4, p. 412-418, junho, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.rbce.2018.06.004>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbce/a/HXRhDQFhTV4MTFphJySk8Ps/abstract/?lang=pt#ModalHowcite>. Acesso em: 10 ago. 2024.

OLIVEIRA, J. J. T. de; PEREIRA, A. S. M.; PESSOA, K. L. E. de C. Das memórias africanas às relações cotidianas: relato de experiência com o dancehall. **Revista Amazonida: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Amazonas**, [S. l.], v. 9, n. 2, p. 1-15, 2024. DOI: 10.29280/rappge.v9i2.13650. Disponível em: periodicos.ufam.edu.br/index.php/amazonida/article/view/13650. Acesso em: 1 set. 2024.

OLIVEIRA, J. J. T. de; PEREIRA, A. S. M.; SOUZA, S. T. B. de. Baile y Educación Física: un estudio con profesores de escuelas municipales de Fortaleza-CE. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, v. 28, n. 307, p. 16-25, 3 dic. 2023. DOI: <https://doi.org/10.46642/efd.v28i307.7170>. Disponível em: <https://efdeportes.com/efdeportes/index.php/EFDeportes/article/view/7170>. Acesso em: 25 set. 2024.

SANTIAGO, J. da S.; MAIA, F. E. da S.; PEREIRA, A. S. M. Posibilidades de aplicación de la temática afrobrasileña en Educación Física escolar. **Lecturas: Educación Física y deportes**, v. 25, n. 263, p. 73-92, 21 abr. 2020. DOI: <https://doi.org/10.46642/efd.v25i263.1828>. Disponível em: <https://efdeportes.com/efdeportes/index.php/EFDeportes/article/view/1828>. Acesso em: 24 set. 2024.

VELOSO, A. Tecnologia ancestral africana: símbolos Adinkra. **Espaço do conhecimento**. Universidade Federal de Minas Gerais, s/d.. Disponível em: <https://www.ufmg.br/espaco-doconhecimento/tecnologia-ancestral-africana-simbolos-adinkra>. Acesso em: 23 set. 2024.